Paulo Vanzolini e coisas da FAPESP

About Paulo Vanzolini and FAPESP

William Saad Hossne[1]

Todos, sobretudo os pesquisadores do estado de São Paulo têm conhecimento (e o reconhecimento) do relevante papel de Paulo Vanzolini na criação, estruturação e desenvolvimento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Quando solicitado, ou em roda de amigos, Vanzolini comentava episódios, fatos, acontecimentos, ideias que acompanharam o nascimento da FAPESP.

E o fazia, como era de sua personalidade e de sua maneira de ser, de modo franco, direto, sem hipocrisia e sem se vangloriar.

São mais que reminiscências históricas.

São peças que revelam o eixo das ideias e das reflexões que nortearam a implantação da FAPESP e que demostram clarividência e autenticidade.

Vanzolini destacava várias pontes, dentre elas o dispositivo legal referente às finalidades da FAPESP, que estabelece: é finalidade da FAPESP.

À primeira vista, pode parecer uma frase acaciana, sem conteúdo. No entanto, pode-se dizer corajosamente, não houve receio de inseri-la, tal dispositivo deixava claro que a FAPESP daria amparo à pesquisa em qualquer área do conhecimento, desde a ciência básica à aplicada, seja nas ciências naturais, nas ciências exatas, nas tecnológicas, nas humanas e sociais.

Além disso, ficava explícito que o amparo à pesquisa poderia abranger todo e qualquer pesquisador, toda e qualquer instituição (privada, pública, governamental), o que, aliás, é especificamente assinalado em outro artigo da lei da FAPESP.

Este dispositivo mostrou-se extremamente importante para que o Conselho Superior e a Diretoria

1
Nasceu em Botucatu em 1927, é graduado pela Faculdade de Medicina da USP em 1951, onde foi estagiário da disciplina de Anatomia Patológica (1952-1955) e assistente da 2a Clínica Cirúrgica (1962-1965). Obteve o título de livre-docente de clínica cirúrgica pela FMUSP em 1958, quando estudou estatística com Vanzolini. Foi livre-docente e lecionou metodologia científica, técnica operatória e cirurgia experimental na Faculdade de Medicina de Sorocaba da PUC-SP (1958-1965). Na UNESP foi diretor (1979-1983); presidente da Associação Brasileira de Educação Médica (1992-1996); fundador da Sociedade Brasileira de Bioética, sendo seu primeiro presidente (1995-1998); e coordenador do curso de pós-graduação de bioética do Centro Universitário São Camilo (2004) onde convidou Vanzolini para ministrar uma disciplina. Ainda na UNESP criou o Laboratório de Cirurgia Experimental que hoje leva o seu nome. Na FAPESP foi diretor científico (1964-1967 e 1975-1979) e vice-presidente do conselho superior (1984-1990) e no Hospital das Clínicas (1984-1992); foi responsável pela disciplina de delineamento da pesquisa (1997-2004); e professor emérito (1997). Foi também reitor da Universidade Federal de São Carlos e membro do conselho editorial de vários periódicos e autor de mais de 100 artigos em revistas científicas, capítulos e livros nas áreas de cirurgia, ética e bioética. Saad é uma figura importantíssima no meio acadêmico das ciências médicas e teve uma amizade com Vanzolini que perdurou por 60 anos.

Científica pudessem estabelecer a política de atuação da FAPESP.

Vanzolini também salientava que, metodologicamente, não se pode falar em boa ou má pesquisa; não se pode, admitir, dizia ele que haja má pesquisa.

Paulo Vanzolini chamava a atenção para um item que, na sua opinião, poderia evitar distorções ocorridas em agências de fomento nacionais e ou internacionais.

É o dispositivo da lei da FAPESP que é taxativo e incisivo ao estabelecer que é vedado à fundação:

Criar órgãos próprios de Pesquisa, assumir cargos externos permanentes de qualquer natureza, auxiliar atividades administrativas de instituições de pesquisas.

Estas disposições legais, inseridas por Vanzolini na lei de criação da FAPESP, foram de importância fundamental para sua estruturação, atuação e desenvolvimento.

Neste sentido, Vanzolini enfatizava o fato de que a FAPESP não poderia gastar mais do que 5% de seu orçamento para fins administrativos próprios, o que no dizer dele era uma barreira a impedir a eventualidade de "cabide de empregos".

Insistia Vanzolini em afirmar que a administração da FAPESP deveria ser "enxuta", "ágil" e, sobretudo, atuar sempre como meio, para se atingir o fim (amparo à pesquisa).

Para garantir a "sobrevivência" e autonomia, foi estabelecido o percentual mínimo da FAPESP (pelo menos 0,5% da arrecadação de impostos do Estado de São Paulo).

Além do mais, deveria a fundação cuidar a de renda de seu patrimônio, ou o fruto de tais rendas reverter para o amparo de projetos de pesquisas.

Vanzolini fazia questão de deixar claro que, desde o início das atividades da FAPESP, tal patrimônio rendável for formado sem retirar verba de dotação e sim com concessão específica pelo governo.

Sabe-se porém, que esta dotação foi pleiteada com base em argumentação por ele apresentada ao Governo do Estado.

Além destes aspectos referentes às disposições legais, Vanzolini, quer como membro do Conselho

Superior, quer como assessor, marcou sua atuação de maneira, a meu ver, indelével e edificante.

Como membro do Conselho Superior defendeu, a liberdade de atuação desse conselho, livre de ingerências de qualquer natureza e origem.

Defendeu também a transparência no que se refere à política científica estabelecida pelo Conselho Superior.

Insistiu na importância de se assegurar autonomia (cobrando a devida responsabilidade) para a Diretoria Científica.

Para ele, o Diretor Científico deveria ser um pesquisador na ativa e deveria continuar a ser, enquanto no exercício da função. Assim, se procura evitar que o diretor científico se transforme em "mero burocrata" que não mais "fale a mesma língua do pesquisador".

Neste sentido, defendíamos o ponto de vista de que a Diretoria Científica (vale dizer a FAPESP) deveria estabelecer uma política de flexibilidade em prol do amparo à pesquisa, estabelecer disposições não restritivas e sem amarras norteadoras das atividades da Diretoria Científica. Contudo, quando no interesse do apoio à pesquisa fosse necessário romper com este balizamento norteador, isto deveria ocorrer, pois as "normas só tem razão de existir se estiverem se atendo aos fins". Vanzolini defendia, assim, a equidade no sentido aristotélico (corrigir a justiça).

Como assessor, sua contribuição foi modelar novamente; de modo categórico, insistia (frase aparentemente acaciana, mas pura) em dizer que "assessor é assessor", isto é, assessor auxilia, contribui, opina sempre visando fornecer subsídios válidos para decisão do Diretor Científico.

Vanzolini enfatizava os riscos de se transformar parecerista (anônimo) em mini diretor científico (sem a devida responsabilidade). Falava dos riscos do assessor usar sua prerrogativa para "tráfico de influências", jogada pessoal e ou de grupo, "recalque por ciúme", "antipatia, ideologia".

Para ele, no caso dos bolsistas, atenção especial deveria ser dada ao pesquisador orientador, a

fim de se evitar a transformação do bolsista em mera "mão de obra" para os trabalhos do orientador.

Novamente, sem medo, orientador deve orientar.

Na mesma linha, julgava que atenção especial deveria ser dada ao orientador de bolsa de interação científica. Dizia ele que o estudante necessita e merece "bom orientador".

Como assessor, Vanzolini sempre deu pareceres bem embasados, fossem dos favoráveis ou não às solicitações.

No caso, em particular, de parecer pelo indeferimento, fazia questão de deixar bem explícitos os motivos e as razões para isso.

Sempre que julgava necessário para não deixar dúvidas, abria mão do sigilo e se punha à disposição para o diálogo com o Diretor Científico e, sobretudo, com o pesquisador solicitante, especialmente no caso de indeferimento.

Sem dúvida, a FAPESP não seria o que é se não tivesse existido Paulo Vanzolini assim que ela nasceu.

Paulo Emílio Vanzolini e "coisas da FAPESP" são indissociáveis.

Meu profundo sentimento de respeito.